

GERAIZEIROS DO SOBRADO: SUA HISTÓRIA, SABERES E PRÁTICAS COM PLANTAS ALIMENTARES

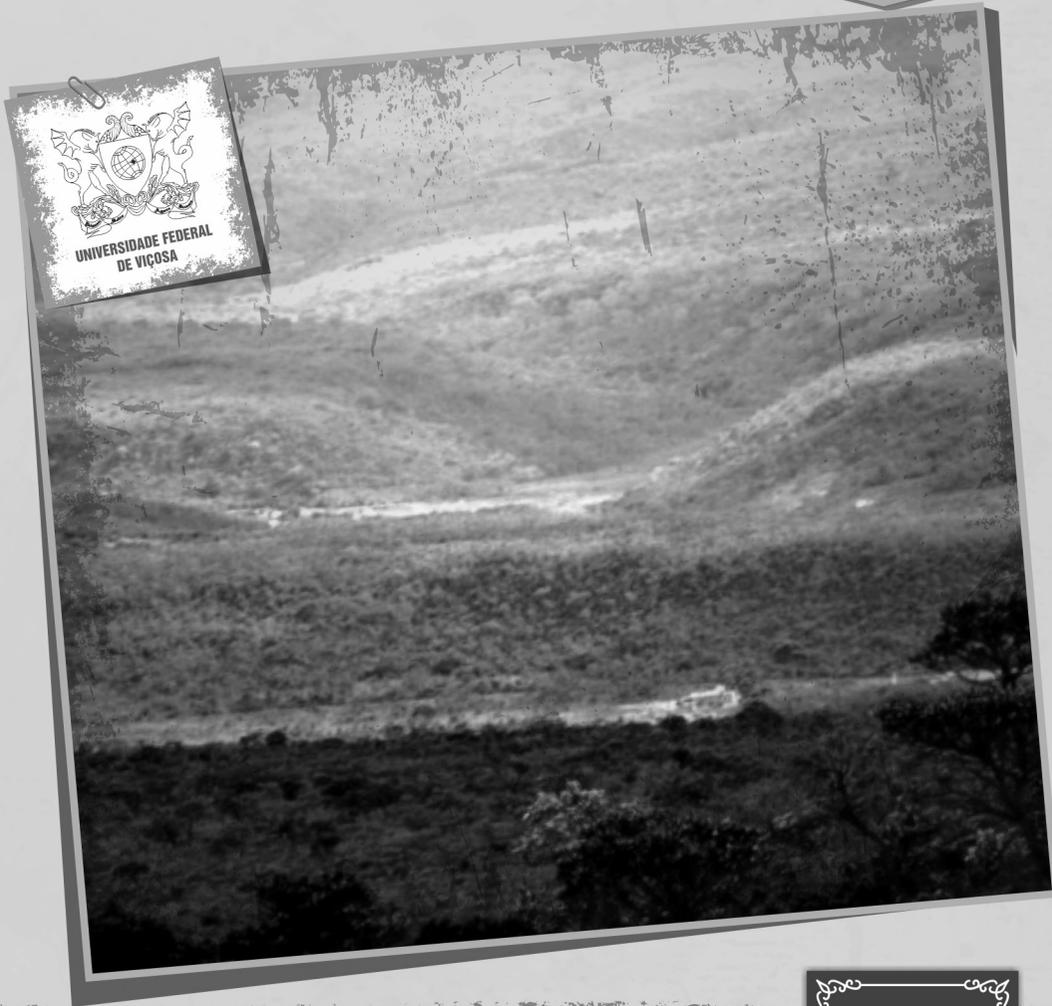
COLEÇÃO

NORTE

DE MINAS



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA



GARTILHA 4



© 2016, Universidade Federal de Viçosa e
Programa de Extensão Universitária - MEC/SESu

Elaboração	Ilustrações
LIS SOARES PEREIRA	LIS SOARES PEREIRA
PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR	VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA
ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO	ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO
LUANA SANTOS DAYRELL	PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR
GUSTAVO TABOADA SOLDATI	MARCO PAULO ANDRADE
REINALDO DUQUE BRASIL LANDULFO TEIXEIRA	
CARLOS ERNESTO G. R. SCHAEFER	
FRANCE MARIA GONTIJO COELHO	

Agradecemos pelo apoio no trabalho de campo:
CAA - CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS;
VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA; RAPHAEL JONAS CYPRIANO

Projeto gráfico e diagramação: Carlos Joaquim Einloft
Impressão: Gráfica Universitária/UFV. Tiragem: 300 exemplares

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Referência e
Atendimento ao Público da Biblioteca Central da UFV

C327 Cartilha 4: Geraizeiros do Sobrado: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares / Elaboração Lis Soares Pereira... [et al.] Viçosa, MG : Universidade Federal de Viçosa; MEC/SESU, 2016. (Coleção Norte de Minas)
2016 27 p. : il. ; 25 cm.

Projeto Etnobotânica e soberania alimentar no norte de Minas Gerais: resgate de plantas alimentícias tradicionais entre geraizeiros, caatingueiros, vazanteiros e quilombolas.

1. Etnobotânica. 2. Ecologia humana. 3. Plantas comestíveis. 4. Comunidades tradicionais – Minas Gerais. 5. Geraizeiros. 6. Memória. 7. História. I. Pereira, Lis Soares. II. Universidade Federal de Viçosa. PróReitoria de Extensão e Cultura. III. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. IV. Brasil. Secretaria de Ensino Superior. V. Norte de Minas. VI. Título.

CDD 22. ed. 581.634

CONTEÚDO

Apresentação.....05

A identidade geraizeira06

Como surgiu a comunidade do Sobrado?
..... 08

As tradições e as mudanças 11

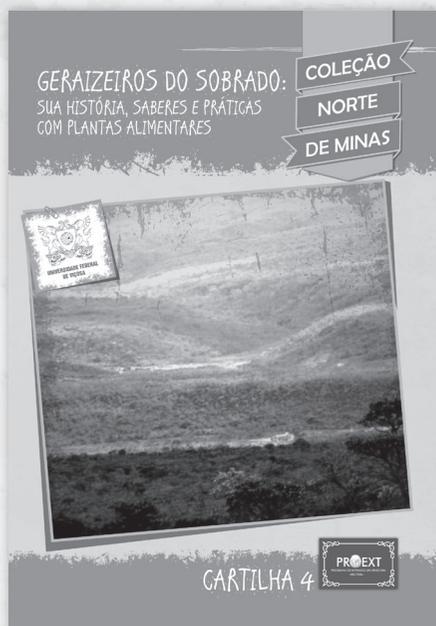
A chegada dos conflitos e a luta pelo
território 14

Paisagens, ambientes e território..... 17

Quintal: um ambiente diferente..... 19

As plantas e a alimentação na comunidade do Sobrado..... 21

Agradecimentos finais27



Essa terra é nossa vida
Essa terra nós nascemos
Com a fé em Jesus Cristo, temos certeza que venceremos
Com a fé em Jesus Cristo, temos certeza que venceremos
Defendendo a natureza, não deixamos acabar
Protegendo tamarino e os cabloco do jatobá
Protegendo tamarindo e os cabloco do jatobá
As mulher e as meninada faz o óleo do pequi
e para fazer a limpeza faz o sabão, é do Divino.
(Cantoria dos geraizeiros do sertão norte mineiro registrada no vídeo Cacunda di Librina)

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha surgiu como um dos resultados de um projeto de pesquisa iniciado em 2010. Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi registrado na UFV com o nome ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE GERAIZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS. Aquele projeto visava realizar o registro dos conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas alimentares. Essas plantas são obtidas tanto por atividades de cultivo e manejo quanto por práticas extrativistas realizadas em terras dos cerrados, caatingas e matas secas da região norte mineira. A partir da pesquisa original, em 2015, por meio de um projeto de Extensão Universitária, intitulado POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS, financiado com recursos do PROEXT, teve início a produção de cartilhas e catálogos para a devolução

dos dados às comunidades. Dessa forma esperamos ajudar na divulgação e valorização das histórias e dos conhecimentos locais que foram sistematizados com a pesquisa.

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS surge, assim, como realização de um compromisso ético de devolução dos resultados às comunidades que foram parceiras nos levantamentos de dados em campo. Acreditamos que as cartilhas e catálogos podem ser instrumento de múltiplas aprendizagens. Os conhecimentos aqui apresentados são parte dos costumes do povo do lugar. Contudo, esperamos que os grupos tradicionais possam divulgar, para todos que queiram ler as cartilhas, o sentido das lutas, de forma que conquistem o reconhecimento social de sua identidade, de seus saberes e de seus direitos.

Nesta cartilha falaremos de uma das comunidades parceiras, uma

comunidade geraizeira de nome Sobrado e que fica no município de Rio Pardo de Minas, na região norte do Estado de Minas Gerais. Esta foi uma das comunidades que tivemos contato e se colou a disposição da equipe da pesquisa.



A identidade geraizeira

Os geraizeiros são assim denominados por habitarem os “Gerais” da Serra Geral, seus cerrados, tabuleiros e chapadas. Constroem seus sistemas de produção com o plantio de lavouras diversificadas em espécies e variedades, como nas chácaras de café. Os geraizeiros também realizam o extrativismo local, colhendo frutos, folhas e madeiras. Além disso, são considerados um povo acolhedor e tímido.

Fomos em sobrado em julho de 2011. Mas, primeiro houve uma articulação com o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Rio Pardo de Minas. O intuito era compreender o contexto local e,

de alguma forma, contribuir com as lutas da comunidade para criação de uma Unidade de Conservação em seu território. Na época da pesquisa foi relatado um conflito de uso na área das nascentes. Os desmatamentos, solta de gado e plantio de eucalipto vinham ocasionando prejuízos às nascentes e, conseqüentemente, levando ao desabastecimento hídrico e a qualidade da água da comunidade.

No encontro no sindicato ficou claro que a pesquisa poderia contribuir com o levantamento de algumas espécies vegetais, seus usos, principalmente as plantas alimentares, reforçando a importância do agroextrativismo e da

conservação da área das nascentes em seu território.

O Moisés do STRs guiou a equipe de pesquisa até a comunidade onde foi realizada uma primeira reunião. Chegamos na sede da Associação da Comunidade e conhecemos Joelice, uma jovem da comunidade que já havia feito um trabalho sobre as chácaras de café e o histórico da comunidade, o que facilitou muito o trabalho da equipe. Além de fornecer dicas importantes, ela acompanhou a equipe durante todo o trabalho de campo. Na reunião participaram moradores da comunidade, membros e lideranças da Associação da comunidade, totalizando cerca de 20 pessoas.

Depois das apresentações das pessoas presentes, foi feita uma explanação sobre o projeto de pesquisa e como poderia ser feito o trabalho. Houve várias falas das pessoas da comunidade bastante esperanças com nosso trabalho. Assim, pudemos adequá-lo às condições locais e aos interesses da comunidade. Houve também muita expectativa, o que nos deu uma noção da grande responsabilidade que tínhamos com o

trabalho, quando foi firmado o nosso compromisso de devolução dos dados.

Nos dias seguintes, foram realizadas entrevistas com alguns moradores da comunidade. Conversamos sobre as plantas utilizadas na alimentação, suas formas de uso, de preparo, costumes alimentares. Também foi indagado sobre os diferentes ambientes da região, bem como pudemos visitar todos eles. Anotamos tudo que foi possível e tudo o mais que uma boa conversa nos permitisse!

Quase um ano depois, em junho de 2012, a equipe de pesquisa voltou à comunidade para levar, de forma sistematizada, o que havia registrado como informação. Nesta volta foi possível confirmar algumas informações e melhor esclarecer algumas dúvidas que surgiram das anotações.

No ano de 2015, depois que muita coisa aconteceu desde a primeira visita, com essa cartilha a mesma equipe pretende deixar registrado o que foi relatado e o que foi possível saber sobre a vida no Sobrado, as plantas utilizadas na alimenta-

ção, os ambientes e o sentido de tudo isso para os geraizeiros dessa comunidade tradicional. Por conta de tudo que foi ensinado, a equi-

pe sentiu-se desafiada a estudar muitas outras coisas e parte delas, de certa forma, também estão registradas nesta cartilha.

Como surgiu a comunidade do Sobrado?

Segundo os relatos, a comunidade recebeu esse nome devido a um grande casarão, que as pessoas do local chamavam de sobrado. Este sobrado pertencia a um dos fazendeiros da região que o utilizava, dentre outras coisas, para o abrigo dos escravos. A versão con-

tada pelo Seu Geraldo é que “Aqui o povo fala que o sobrado foi medindo as fazendas e sobrou esse cantinho aqui, aí ficou o Sobrado”. Seu João, por sua vez, também contou que antigamente havia na região uma grande construção, um sobrado:

“Os meus avô contava que o Sobrado foi porque há muitos anos atrás, né? Há uns 150 ou mais atrás, tinha um senhor que morava aqui no lugar. Então, as pessoas que morava na época dos negro cativo. Então morava por aqui... Então, aí existia uma casa grande onde morava aquelas pessoa. Então existia uma casa alta, né? Uma casa grande, um negocio assim e falava sobrado, né? Então hoje trouxe o nome de Sobrado, aqui é conhecido de Sobrado. Qualquer lugar que tenha seu nome, ali tem um princípio ali, né? Atravessou o rio, de Rio Pardo pra cá, já é Sobrado. (...) Os cativo era aquelas pessoa que trabaiava, né? assim, obrigado. Aqueles coitado que trabaiava. O povo fazia cativos, né? Não, não era negro, era branco mas era pobre, né? Naquela época, era vendido pra outro, né? Uns 200 anos atrás, os meus bisavô é que ia, contava pros avô da gente, os avô contava prá gente, né?”

As marcas do cativeiro e da escravidão na área da comunidade estão exemplificadas pelos destroços dos grandes muros de pedra que cercavam a propriedade dos fazendeiros, em uma época em que o arame ainda não existia. Como contou Dona Cecília:

O povo panhava eles pra fazer... alembro que caiu tudo... era quase da cidade inteira, só, morão, só cerca. A cerca que existia era... diz que foi os cativeiro que fez, assim minha avó contava, que os cativo que fez. Barro amassado, né?

Os fazendeiros doavam um pedaço de suas terras para esses escravos trabalharem como agregados. Com a abolição, muitos deles ficaram nas terras como agregados. Com a chegada dos emigrantes, novos habitantes que não eram negros e nem ricos fazendeiros, ajudaram a comunidade a formar. Como contou Joelice:

Aí os escravos, veio a época da libertação, né? O fim da escravidão. O pessoal informaram que eles é... os escravos, pra não perder, pra não deixar sua fazenda abandonada, os escravos todos ia sendo livre. Eles [os patrões] deram pequenos pedaços de terra pros escravos pra trabalhar na meia. Metade, ele entrava com a terra, que por ser agregado, metade era pra eles, o que produzia metade era pra eles e metade pra família do dono da terra, no caso aí, o fazendeiro. Aí foi possuindo, aí foi crescendo, foi casando uns. E chegaram os primeiros habitantes, chegaram a 12 famílias, no Sobrado.

No início do povoamento da comunidade foi por pessoas dali da região mesmo, não vinha ninguém de fora. Foram tendo seus filhos, netos e, hoje em dia, são umas 150 pessoas, com algum grau de parentesco. Com o passar dos anos, foram sendo implantadas algumas fazendas e todas com um nome, cada um com um significado. Seu João explicou o nome das fazendas que havia no Sobrado.

Aqui, por exemplo, tem uma fazenda com o nome de Vale do Pari. Por que Vale do Pari? Ali antigamente ninguém tinha cerca, ninguém dividia o que é deles não, né? Ali a pessoa fazia aquela rocinha e...plantava uma rocinha pequena ali e cercava a roça. Ai todo mundo criava o gado solto. Ai o pessoal criava solto, criação de gado, égua, essas coisas né? E subia ai pra essas mata, pra chapada, pro carrasco, né?

Mas só que eles vinham beber água no rio. Ai tinha uma vage, bastante vage, ai vinha aquelas criação e criava ali, né? Uma vaca vinha, hoje fala, pari. A vaca pariu, a égua pariu. Nesses caso, aí era o local que eles habitava, né? Então, pôs o nome de Vale do Pari. Pra cá tem outra fazenda com o nome de Paredão. Então aquilo lá tinha um rio...tem um rio até hoje, mas só que o rio aterrou. Então tinha o rio e ficava fundo ali, o rio ia passando e ficava fundo. Ficava aquele barrancão bem alto, né? Ai aquela água passava ali e foi quebrando ali. Ai o povo pôs o nome de Paredão, né?

Aqui na frente tem um lugar com o nome de Currealinho. Porque lá o gado também, ai já é mais distante daqui...comia na chapada e descia ali. Então eles fez um curral só pra pegar o gado e tinha um lambedor, um barreiro. Então via aquele gado, de nós aqui, de todo mundo, descia lá pra baixo, né? Tem um lugar aqui...Chacra. Por que Chacra? Também tinha uma pessoa que morava lá que tinha uma casa grande lá, uma casa boa e tinha o Chacrão, né? Aqui no Sobrado também tem um lugar que chama Santo Antonio? Porque morou um velho lá por nome de Antonio. Eles pôs o nome de Santo Antonio, né? E eles festejava assim a festa né? De Santo Antônio igual festa junina, né? Festejava lá e acabou que trouxe o nome. Então aqui tem um lugar aqui, até eu tem um terreninho lá em cima, com o nome de Catulé. Por que trouxe o nome de Catulé? é porque tinha um côco lá, aqueles côco Catulé. Antigamente a pessoa cobria a casa era com pindoba, né? Antigamente, eu nem conheci. Ai tinha aqueles côco lá, ele pegava pra cortar aqueles côco, chamava côco Catulé.

Tem outro lugar que chama Furqui do Riacho. Lá o corgo [córrego] cai no outro, o Nogueira, que cai no corgo do Caiçara. Então pôs o nome de Furqui do Riacho. Aqui tem uma cabeceira aqui por o nome de Canoa. E a Canoa, por que Canoa? Porque na época deu umas enchentes e a pessoa não tinha assim um transporte pra transportar, pra atravessar o rio, não tinha ponte. Então eles tiraram lá uma madeira bem grossa e fez uma canoa, um barco, no caso, hoje fala é barco.

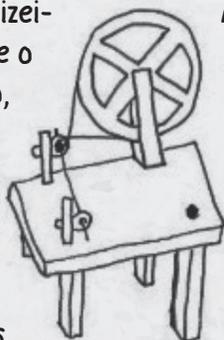
As tradições e as mudanças

Os moradores nos relatam os tempos antigos como um tempo de muita dificuldade em que não tinham acesso a recursos que possuem atualmente, como água, luz, estradas, médicos e escolas. Eles vivenciaram também uma

seca de três anos sem chover, nos anos de 1890, chamada de Noventão, outra em 1939. Além disso, tiveram as épocas de enchentes, nas quais a comunidade ficava isolada. Como nos disse Seu João:

“Teve um noventão, eu não sei, foi 1890, acho que foi. Teve uma crise muito grande, ficou acho que dois anos, três anos, sem chover. Assim eles contavam, né? Pessoal passava fome, né? O povo vivia comendo peixe, caça do mato, né? essas coisa... o que produzia na lavoura. Bom, o que não produzia não vinha, né? Não tinha estrada pra Montes Claros, não tinha estrada pra Mato Verde...nem pra Taiobeiras. Eu já conheci um pouquinho disso, né? Ai trazia pedra de sal pra cá..., que dava mais de um quilo de carcunda de burro de Montes Claros, né? ...e a vida era difícil mesmo, a vida não era fácil não.”

Também contaram os geraizeiros que antigamente houve o ciclo do plantio de algodão, porém não tinha “muita saída”, com poucas vendas. Entretanto muitas mulheres da região fiavam o algodão, faziam roupas e cobertores.



Antigamente, também, não compravam óleo e nem sabão. Eles tiravam o óleo do pequi e o azeite de mamona para a iluminar as casas. Segundo Seu João, eles faziam o sabão da seguinte maneira:

O que acontecia com o sabão?

Pessoa ia no mato, tirava umas madeiras e fazia aquela coisa lá no fogo, queimava e pegava as cinzas, de sabugo de milho, essas coisas.

Prensava num negócio assim, de vara. Aí ia caindo aquela água e a pessoa panhava osso, essas coisas que tem de ... de gordura, né? E fazia aquele sabão. Ninguém comprava.

Se eles precisassem de alguma coisa que não produziam, ou queriam vender um pouco da sua produção, eles iam na feira em Rio Pardo de Minas. Eles iam de carro de boi ou mesmo a pé, em viagem até a cidade mais próxima, o que, às vezes, durava dias.

Contam os geraizeiros que, nos momentos mais difíceis, era comum as pessoas da comunidade irem “buscar serviço” nas caatingas de Porteirinha ou Mato Verde, por onde ficavam durante meses, em condições de trabalho próximas às condições de escravidão. Contam que os caatingueiros os viam como povo pobre e inferior.

Suas vidas só não eram piores que a vida dos negros aquilombados.

Eles lembraram, também, que era costume os geraizeiros descerem a serra em cargueiros de boi levando os produtos dos gerais, como mandioca, goma, óleo de pequi, frutos coletados e retornavam trazendo os produtos característicos das caatingas.

Mas as mudanças vieram. Mesmo sendo lembrado como um tempo de muitas dificuldades, aquele tempo antigo também é visto como época de muitas festas, celebrações, comidas típicas e proximidade entre as famílias. Iam para a missa de domingo em Rio Pardo de Minas, porque antes não havia uma igreja na comunidade. Entretanto eles viram o número de festas diminuir. Os jovens passaram a estudar em escolas da cidade, coisa que os pais não fizeram. Mudou até o material com o qual as casas são construídas. Enfim, muitas mudanças foram apontadas por eles, o que explica porque acreditam que antigamente a vida deles era mais difícil e sofrida, porém alegre, como eles mesmos disseram:

As casas antes, tinha muitas casas que era de sapé. Pegava o sapé e cobria. Outras era de pindoba, né Cila? Mas antes fazia assim, umas tarcada beirando o chão. A cobertura da casa servia de parede. Minha mãe que falava...e descia aquela cobertura no chão. De vez em quando dava acidente, né? Pegava fogo naquela paia, né? Depois foi vindo umas pessoa que fazia casa de enchimento, tirava madeira, fazia casa de enchimento, essa dai eu conheci muito. Batia no barro assim ó, e rebocava, mas ficava bonitinha! Essa ai era quando eu era mais novo. Casa de adobe foi de pouco tempo pra cá. Não tinha piso nas casas, tinha assim, a terra, né? Não tinha piso. Eram poucas pessoas que moravam numa casinha mais bem caprichadinha (Seu João).

Neste contexto de mudanças e tradições, muitas das tradições culturais, produtivas e alimentares ainda são mantidas por alguns dos componentes do Sobrado, seja em maior ou menor intensidade. Assim ficaram os levantamentos de bandeira, o arroz com pequi, a farofa de andu com torresmo, os biscoitos de goma, beiju, café de garapa, a fábrica de farinha e goma e as chácaras de café. Este são apenas alguns exemplos dessas tradições.

A comunidade ficou esvaziada durante alguns anos, pois muitas famílias abandonaram as propriedades e mudaram para outros

locais. Porém, com a chegada do transporte escolar, da luz elétrica, da água encanada, o número de habitantes triplicou. Mesmo assim, muitos moradores mantêm duas casas, uma na cidade e outra na roça, dependendo, nos dois lugares.



A chegada dos conflitos e a luta pelo território

Os geraizeiros contam que, anos atrás, existiam muitas árvores de grande porte na região. Essas matas foram sendo derrubadas

aos poucos com o crescimento das famílias que precisavam de espaço novo para abrir as suas roças e para conseguirem madeira para

“Há 60 anos atrás as propriedades tinha muito nativo, árvores de grande porte. Aí eles desmatavam 20% da propriedade e fazia pastos, quintais, chácaras e o resto ficava pros filhos. A madeira de grande porte ficava com os filhos pra construir as suas casas. Os filhos foi crescendo, e precisava da madeira, foi desmatando. Foi desmatando a mata de reserva, que eles falava mata de reserva que eles deixava, árvores de grande porte de 7 até 10 metros. Nós já encontramos na região, em casa de enchimento, produzida pelos filhos dos antepassados, que destruíram como o pau do ói, a braúna, o pau de ferro, que eles achava, o pau brasil que foi encontrado em muitas casas de enchimento. Isso foi reconhecido. Aí o pessoal, os mais novato de 30 anos atrás, chegaram e... não, isso é bestage, não existe isso. Vai vir novas técnicas pra construir as casas futuramente. Pegaram, derrubaram as mata de reserva que os antepassados deixaram e substituíram pelo eucalipto. Aí foi a grande preocupação da comunidade, porque os eucalipto, eles não observavam, que qualquer lugar que eles iam. Eles faziam pasto e eucalipto. Foi quando os eucaliptos fluíram nas nascentes da água, né? Quando eles deixaram o grande porte, como cê viu, na casa de tio Manel tem até hoje, aquele pedacinho lá, (...) havia doze nascentes de água na comunidade do Sobrado. Aí a comunidade era toda cortada por cachoeira e grandes nascentes de água, muitos rios de água. Hoje você pode encontrar duas, dois corgos corta a comunidade, e três nascentes”.

a construção. Entretanto, como conta Joelice em sua pesquisa sobre a história do lugar, sempre os geraizeiros tiveram a preocupação em deixar uma mata de reserva. Porém, com a chegada das firmas e a plantação da monocultura do eucalipto na região, essas matas foram derrubadas de uma forma mais intensa, sem se preocupar em deixar a reserva de mata nativa, o que afetou, segundo os moradores, todo o abastecimento hídrico da região.

Assim, uma comunidade que antigamente era cortada por doze

nascentes de água possui, atualmente, apenas três nascentes: São Lucas, Nogueira e a Caiçara. As nascentes do Nogueira e Caiçara abastecem 89 famílias da comunidade e a do São Lucas beneficia 6 famílias, sendo que esta, fora do período da águas, seca completamente. E mais, essas nascentes ainda existem devido à luta dos membros da comunidade para protegê-las, tanto do eucalipto plantado pelas empresas quanto de um fazendeiro, que ocupou a cabeceira das nascentes desmatando e poluindo a área.

No início era a Gerdau, ela fez um contrato com o Estado. Aí o contrato venceu, ela entregou pro Estado. E aí o Estado, a cooperativa, diz que fez um contrato. Mas, pelo Sindicato, aquela área é de reserva. Nós têm mais ou menos conhecimento, a Gerdau deixou como área de reserva, né? Aí eles tão desmatando, eles tão rancando os toco e fazendo aquela grande erosão e vai causar. E não é uma Bacia de Contenção, não tem. (...) pra segurar aquelas terra de lá, que tá no rancado dos toco.... Pode descer tudo pras nascente. Onde as nascentes tão, ali não tem nem 100 metros, das nascente. Além de tudo, tá na área de recarga, na área de APP. Não pode ser desmatada...não pode acontecer uma coisa daquilo.(...) Importa é que a gente tá lutando com amor, com carinho pra salvar nossa comunidade. Pra salvar nosso patrimônio, nossa água e nosso bem, nosso ouro, eu trato ali como ouro, né? E nós vamos lutando, e vamos lutar. (José Severino Dias, na época presidente da Associação Comunitária do Sobrado)

Os conflitos pelas áreas e pela água só foram amenizados através da organização e luta da comunidade. Assim, em 2013, houve a consolidação de uma área de preservação ambiental, a chamada Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Sobrado, onde os moradores puderam ser incluídos e colocados ativos na gestão e manejo da área.

A luta da comunidade tem mais de 12 anos. Desde julho de 2005, foram instaurados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) os procedimentos legais para criação da RDS da comunidade. A RDS visa a proteção das fontes de água, impedir a degradação ambiental e garantir a sobrevivência do modo de vida geraizeiro.

Em reunião comunitária em dezembro de 2013, os moradores do Sobrado se autodeclararam geraizeiros, reafirmando sua identidade de grupo. Em 2014, criaram um projeto de Lei de iniciativa popular na Câmara municipal. Como afirma a geraizeira Luciana, esse projeto foi “*construído e nascido na base, na comunidade. O*

projeto precisa vir de baixo para cima, pode nascer das comunidades. Assim, ele é de posse coletiva na Associação da comunidade”. Assim, este projeto oficializou algo que já acontecia.

Em 10 de abril de 2015, uma lei municipal da Associação Tradicional Geraizeira é sancionada (Lei municipal No 1.629). Essa lei é denominada Lei João Tolentino. Além de reconhecer a comunidade como Tradicional Geraizeira, a lei declara a necessidade de proteção do território, da água, da biodiversidade e do seu modo de vida. Assim, todos esses aspectos passaram a ser reconhecidos como Patrimônio Cultural, Material e Imaterial. Essa Lei ainda estimula a realização de estudos sobre conservação e sustentabilidade do Cerrado.

Depois dessa Lei, os geraizeiros do Sobrado cercaram a área, para o que realizaram mutirões comunitários. Eles fiscalizam de caçadores e queimadas, mesmo sem treinamentos, como comenta Luciana. Por meio da parceria com o STR, o Centro de Agricultura Alternativa (CAA – Norte de Minas), a

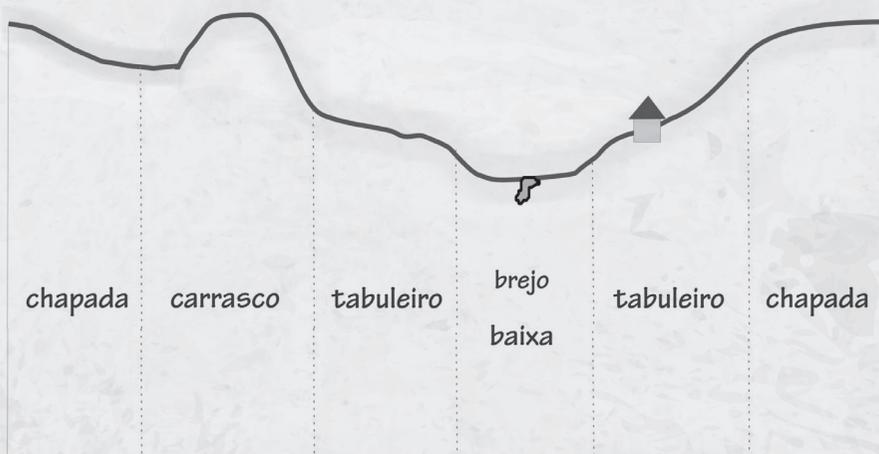
Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros) entre outros atores, os geraizeiros produziram

ainda um livro registrando sua memória, costumes e saberes tradicionais.

Paisagens, ambientes e território

Durante a pesquisa do projeto das plantas alimentares foram identificados junto aos moradores do Sobrado, sete ambientes diferenciados: “lajedo”, “chapada”, “carrasco”, “capão”, “tabuleiro”, “baixa” e “brejo”. Para diferenciá-los foi levado em consideração os solos, a vegetação típica, a posição no relevo, a linha de umidade, a vegetação e, inclusive, a ocupação antiga de cada ambiente. Nes-

tes ambientes foram registradas 49 plantas alimentares, pode-se perceber que as plantas alimentares coletadas estão presentes principalmente na “chapada” e no “capão” e as cultivadas concentraram-se nos ambientes de “baixa” e “brejo”. Organizamos uma tabela para ficar mais fácil entender estes ambientes e todas as informações que pudemos registrar.



Perfil transversal da paisagem do Sobrado

Quadro 1. Principais características dos ambientes na comunidade do Sobrado

Tipos de Ambientes	Tipo de Terra	Plantas encontradas	Formas de Uso
Brejo			
Área úmida, mal drenada e relevo plano.	"Terra barrenta, de lama, meio preta e cinzenta".	Vegetação de porte herbáceo, como: plantas de hortas, cebola e espinafre. Araçá, Bapari, Coco Macaúba, Enten-sa Mulambo e Jatobá da baixa.	Cultivo agrícola, como arroz, cana e mandioca, após o "tempo das águas", pastagens, hortas, extrativismo de plantas medicinais herbáceas.
Baixa			
Posição mais baixa na paisagem, inclui o leito maior do curso d'água e relevo plano.	"Terras mais pretas", férteis, ocorrem próximas as margens dos cursos d'água e "terras marrons" que ocorrem distantes dos córregos.	Abóbora d'água, Agrião, Alfaca, Alho, Arroz, Araçá, Batata doce, Cana, Café, Cenoura, Coentro, Couve, Feijão, Jatobá da baixa, Mandioca, Maxixe, Milho, Mutamba e Pepino.	Cultivo agrícola e em algumas propriedades há moradias, quintais, chácaras, hortas e criações de pequeno porte.
Tabuleiro			
Mais elevado que a "baixa" e posição que varia de relevo plano a forte ondulado.	"Terra vermelha, dura, firme, profunda e com pedras". Considerada menos úmida que a "baixa" e mais difíceis de "cansar", quando comparados aos solos do "capão".	Aroeira, Angico, Articum, Cajuzinho rasteiro, Cedro, Mutamba, Pequizeiro e Sucupira.	Moradias, quintais, chácaras de café, criações de pequeno porte e gado, cultivo agrícola (cana, milho, mandioca), extrativismo de lenha, frutas nativas e medicinais.
Capão			
Acompanham os cursos d'água e nascem em vales encaixados, relevo plano para forte inclinado.	"Terra arenosa e acinzentada", com boa quantidade de matéria orgânica superficial, profundidade variada e afloramento de rochas.	"Mato fechado". Encontra-se: Amen-doi, Araçazinho, Cana, Coco catolé, Feijão, Grão de galo, Jabuticaba do mato, Jambre, Jatobá de baixa, Mandacaru, Mandioca, Melancia, Milho, Pinha de capão e Rufão.	Antigamente, havia plantio de plantas anuais e coleta de lenha. Atualmente, a maioria das áreas de capão é preservada por ser caracterizada como Área de Preservação Permanente (APP).
Carrasco			
Localizado nas partes mais elevadas do relevo, posição inclinada, os "morros".	"Terra maciça, arenosa e preta", com solos rasos e pedregosos em áreas inclinadas. Os solos variam bem por se tratar de um ambiente de transição.	Com aparência de "galhada emaranhada", Angico-preto, Avoação, Banha de morcego, Caboclo, Leiteira, Maracujazinho do mato e Maria-mulata.	Criação de gado, extrativismo de lenha e bom para o plantio de mandioca e milho no "tempo das águas".
Chapada			
Posição mais alta na paisagem, relevo varia de plano a suave ondulado.	Solos pouco profundos com grande diversidade de textura e cores, variando desde as terras "arenosas e claras" àquelas "barrentas e cores fortes" (vermelhas, laranjas, amarelas).	Abacaxi, Articum, Cajuzinho rasteiro, Fruta de leite, Grão de galo, Jatobá do campo, Mandapuça, Murici, Pacari, Pequizeiro, Pinha de raposa e Pinha do mato.	Tradicionalmente ocorreu criação de gado e extrativismo de lenha, frutas e medicinais. Atualmente, a maior parte das chapadas encontra-se ocupada por monocultivos de eucalipto. E onde se localizam as nascentes dos cursos d'água que abastecem a comunidade.
Lajeado			
Ocorrem nas "chapadas", áreas de cachoeiras e encostas inclinadas e pedregosas de "carrasco".	Solos rasos, pedregosos e recobertos de "toás", sobre afloramentos de rochas.	Vegetação "campestre" ou "lajedo",	Nenhum uso especificado.

Nessa paisagem foram descritos mais dois ambientes de transição: o “**charravasco**” ou “**charrielo**” e a “**vereda**”. O **charravaco** fica entre a “chapada” e o “carrasco”. Esse ambiente “é tipo a chapada,

mas é mais sujo e emaranhado”. Já a **vereda**, segundo os geraizeiros do Sobrado: “é um trem que só vai e não sai, vai e volta”, onde costuma encontrar afloramentos de água e ocorrência do “capão”.

Quintal: um ambiente diferente

Os quintais estão aqui destacados por serem muito importantes para o sustento das famílias, pois é onde também ocorre a produção dos alimentos. Lá estão os instrumentos de trabalho e de preparo de alimentos como o pilão de socar. Além disso, para os quintais foram relatados inúmeros usos. Como ressaltou Dona Lúcia:

Ajuda a gente, produz, ajuda na alimentação. E muito difícil trazer coisa do mercado. Depende da gente trabalhar. Se você tiver um quintal é capaz de ter tudo. É muito difícil comprar na feira. Dependendo da época, na seca a gente molha, dá para produzir tudo. A gente coloca o esterco da vaca, do gado.

A maioria das casas da comunidade do Sobrado ficam nos os ambientes chamados “tabuleiros” e nos quintais estão as criações de pequeno porte e as “chácaras” de café. Mas segundo os moradores, se os quintais e “chácaras” fossem feitos na “baixa”, eles iriam produzir mais e ao longo de todo ano, em contraste com o plantio que é feito no “tabuleiro”.

Na comunidade, as plantações variam de forma, tamanho e gosto, dependendo da época de plantio e dos lugares dentro do ambiente da “baixa”. As “chácaras”, onde há pés de café entremeados e sombreados com outras árvores e plantações, são locais característicos de tradição da comunidade e ficam ao redor das casas formando uma verdadeira floresta agrícola. Esse arranjo de plantas é formado, sobretudo, por

ingazeiros que auxiliam o controle biológico de insetos, aumentando a produção do café. Para Dona Martelina: “O quintal é aqui mesmo na chácara. Lá pra baixo, é roça”.

As hortas também foram citadas por estarem dentro dos quintais e próximas às casas quando estas casas estão na região alta do terreno. Mas se houver um brejo ou baixa perto, as hortas serão cultivadas lá, pois como a área é mais úmida que a região alta, é bom para evitar regas constantes e as plantas desenvolvem melhor. Dependendo da época, algumas pessoas mudam a localização das hortas. Na época de chuva, as hortas podem ser feitas no tabuleiro, já na época de seca, é dada preferência para o brejo.

Nos quintais encontramos pequenas criações e suas estruturas, como galinheiros e chiqueiros, que enriquecem a dieta alimentar dos geraizeiros. Além disso, essas pequenas criações podem ser trocadas e vendidas entre vizinhos e amigos. Há também pássaros, gatos e cachorros que distraem e alegram as pessoas. Seu Geraldo se lembrou dos animais ao falar da importância do quintal e pra que ele serve:

Pra gente ficar olhando. Chega um amigo, tem uma fruta. A gente, pra viver num lugar, pra ficar sem nada, é ruim, né? Eu gosto dos bichinhos. Aí dá mamão que só vendo e eles comem tudo. Eu gosto. Desde que aprendi a trabalhar, eu tinha vontade de fazer um quintalzinho... tendo uma árvore pra gente olhar, né? Serve pra gente, serve pros amigos, serve pros bichinhos, serve pra tudo, né?

Seu Geraldo ainda lembrou como que os quintais ajudam para doar plantas e frutos, o que constrói laços de amizade na comunidade. Muitos geraizeiros ressaltaram que os quintais trazem diversão e são “saúde” para eles, como comentaram Seu Francisco e D. Laudelina:

Ah! Ele é minha diversão. Meu passatempo, fia. Pra mim é tudo, fia. Distrair, olhando a natureza. Ah! A gente, sei lá, esse povo que mora na capital não tem o prazer que a gente pode ter, né? Com aquela poluição, né? E é muito, minha diversão.

É muito importante. Eu me divirto muito. Trabalho. Eu quero ficar é no meu quintal, isso é saúde para mim, é uma vida, para mim, esse quintal.

Enfim, ao perguntar aos geraizeiros se teria como viver sem um

quintal, algumas respostas marcaram o final do encontro:

O quintal é tão importante que, na cidade, se você tiver uma casa e quiser vender, é muito difícil [casa sem quintal]. Tem que plantar alguma planta. (Zé Sabiá)

O quintal é tudo, se não tivesse, não tinha nada. É tudo na vida da gente. Faz lembrança da luta, foi sofrido formar um. (José Francisco)

As plantas e a alimentação na comunidade do Sobrado

Na pesquisa com os moradores do Sobrado e que deu origem a essa cartilha foi possível registrar **101 plantas** que eram utilizadas na alimentação. Eles cultivavam **6 (seis)** espécies de plantas nas roças, mas nos quintais e hortas, eram cultivadas 86 plantas,

o que significa grande diversidade de plantas. As plantas de roça mais citadas foram: berdoega, cana, cariru, feijão, mandioca e milho. Das plantas dos quintais, as que mais se destacaram nas citações foram: abóbora, alface, banana, café, coentro,

corante/urucum, jabuticaba, laranja, mamoeiro, mandioca e manga. É importante destacar que apesar do número pequeno de plantas cultivadas nas roças, feijão, mandioca e milho são a base na alimentação e na produção de alimentos na comunidade. Da mandioca ainda é feita a farinha de mandioca e a goma, do milho o fubá. Os geraizeiros do Sobrado ainda indicaram mais **12 plantas alimentares colhidas nas matas**.

De forma geral, há na comunidade seis meses de chuva, “o tempo das águas”, de outubro até março e cerca de seis meses de seca, “o tempo das secas”, de abril a setembro. Em setembro já pode começar a chegar às chuvas. Nesses dois tempos há uma produção maior das plantas dos quintais e hortas, diminuindo nos meses de transição do “tempo das águas” para o “tempo das secas” e vice-versa. Porém, se houver água disponível, há grande fartura de alimentos. Outro fator importante na produção é a época de plantio das plantas. O agrião, por exemplo, “Planta na horta de março a abril/maio. Setembro planta de novo. Tem até novembro, dura uns 90 dias”, já o feijão, “Depende da terra. Planta em março, junho e setembro, dá em 90 dias”.

Das plantas encontradas nos quintais, registrou-se intensa produção e troca de mudas dentro da comunidade. Ao mesmo tempo, registrou-se intensa vinda de mudas através do comércio externo à comunidade, especialmente devido à importância regional da feira livre de Rio Pardo de Minas, que acontece nos sábados.

Na opinião dos moradores de Sobrado, as melhores mudas são as “ganhadas”, ou as que “nasceram sem plantar no quintal” ou as que suas sementes foram separadas para plantio, porque elas são resistentes, fortes e “você planta sabendo o que é”. Já as mudas compradas geralmente dão mais rápido, porém duram menos.

Para as hortaliças e plantas da horta a visão deles é diferente. Para eles, o melhor é comprar as sementes para hortas pelos seguintes motivos: “é difícil separar e guardar as sementes dos quintais”; “a produção das sementes compradas é maior” ou com essa semente “você vê que está gerando uma planta nova”.

Essa diferença na preferência (produzir e doar/receber mudas

ou comprar na cidade) revelam que tempos e costumes passados encontram-se em mudança, como explicou um geraizeiro: “*Tem muito quintal novo que é comprado. Mas outros foi da planta que chupou a fruta. Os quintal mais velho, não tem muda comprada. Hoje em dia agente compra mais que troca*”.

A partir dos usos dados às plantas foi possível identificar diversas formas de preparo e consumo e organizar num quadro, como é apresentado no Quadro 2.

Foi possível também registrar **9 Plantas Alimentícias de Uso Emergencial**. As que foram mais lembradas pelos geraizeiros foram as folhas do Cariru, o fruto do Jatobá e a raiz do Mucunã. Todas as plantas, seus usos e formas de preparo foram anotados e organizados no Catálogo de Registro: Etnobotânica de plantas alimentares de quatro comunidades tradicionais do norte de Minas Gerais, que é a Cartilha 9 desta coleção. As chamadas plantas emergenciais foram ou ainda são utilizadas, mas, por motivos variados, não são mais usuais. O seu uso muitas vezes remete a um passado marcado por

períodos de seca e fome. Mas, ao mesmo tempo, essas plantas trazem importantes reflexões para o presente e para projeções de um futuro com melhores condições de vida. O acesso a essas plantas é favorável em razão do clima ser também favorável. Sobre essas condições, Dona Evangelina Ferreira falou:

“Esses tempo aí, eu não alembro. Não cheguei a comer. Hoje não vejo ninguém comer. Comia porque tinha precisão. Aí o povo comia. Hoje às vezes não tem precisão porque aparece dinheiro pra ganhar e chove. O povo antes não tinha condições pra fazer as coisas. Hoje o povo tem máquina, tem tombador, de primeiro era tudo no braço, não achava dinheiro pra ganhar.”

Como nas outras comunidades tradicionais envolvidas na pesquisa, os momentos de seca e fome que a comunidade enfrentou ficaram na memória coletiva do grupo. Disseram que tiveram uma seca que durou três anos, na década de 1890, conhecida como “noventão”. Outra seca foi a de 1939. Nesses momentos as plantas emergenciais foram os recursos para sobrevivência.

Quadro 2. Formas de preparo e consumo das plantas na alimentação da comunidade geraizeira do Sobrado, Rio Pardo de Minas, MG.

Formas de preparo e consumo	Descrição dos usos e plantas
Alimentação animal	Aqui foram agrupadas as plantas que servem de consumo direto e ração para passarinhos, morcegos e criações de gado, galinha e porco. São elas: cagaita, cana, goiaba, jambre, mamão, mandioca, mangaba, milho e pinhão.
Assados	Nessa categoria temos os assados no forno ou direto na brasa, os biscoitos, os bolos e os pães. As plantas utilizadas são abóbora, beterraba, cenoura, coco, coco macaúba, jatobá, laranja, mandioca, milho e o pequi.
Bebidas	Usos como cachaça e acompanhamentos, café, consumo direto, garapa, geladinho, polpa, suco, vinho e vitamina. Foram citadas: abacate, abacaxi, acerola, amora, banana, café, cagaita, caju, cana, cenoura, coco, conde, goiaba, jabuticaba, jaca, jenipapo, laranja, limão (rosa, galego, tahiti), mamão, manga, mangaba, maracujá, melancia, pinha e pitanga.
Consumo in natura	Os usos são chupar, comer, comer com açúcar e saladas. Várias plantas foram citadas, algumas delas são: alface, araquá, articum, bacupari, cabeluda, cagaita, cajá, caju, ciriguela, coco, coco macaúba, conde, couve, grão de galo, ingá, jabuticaba, jaca, jatobá, jenipapo, mamoeiro, mandapuça, mangaba, melão, mutamba, pepino, pinha do mato, pitanga, pocã, rufão, umbuzeiro, entre outras.
Cozidos	Nesta categoria está o cozido (com arroz, carne ou feijão), a feijoada, o mexido, o mingau, a pamonha, a panqueca e a polenta. As plantas usadas são: banana, batata doce, beterraba, cenoura, chuchu, feijão, feijão andu, mandioca, milho, mucunã e pequi.
Doces	Estão o doce, a garapa, o mousse, a paçoca e a rapadura. As plantas usadas são: abóbora, amora, banana, batata, batata doce, cana, coco, coco macaúba, goiaba, laranja, mamão, manga e maracujá.
Ensopados	Os usos são afogado, ensopado (com carne ou peixe), molho e sopa. As plantas utilizadas são abóbora (d'água, verde e japonesa), abobrinha, banana, batata, berdoega, beterraba, cariru, caxixa/caxixe, cenoura, chuchu, couve, fedegoso, inhame, jiló, mamão, mandioca, maxixe, mostarda, palma, pequi, pimentão, quiabo, taioba, tomate e tomatinho (tomate cereja).
Farinhas, Beijus e gomas	Os usos são farinha, fubá, goma e polvilho. Usa nestes preparos macaúba, mandioca, milho, mucunã e taioba.
Farofa	O uso é preparar a farofa. As plantas utilizadas são cariru, cenoura, couve, feijão, feijão andu e mostarda.
Frituras	O uso é a fritura. As plantas são banana, batata, mandioca e pequi.
Óleos	O uso é o preparo de óleos, foi citado o coco macaúba, pequi e rufão.
Saladas	Faz maionese e saladas das plantas agrião, alface, banana, berdoega, beterraba, cariru, cebola, cenoura, chuchu, coco macaúba, coentro, couve, espinafre, jiló, laranja, mamão, mandioca, manga, ora-pro-nóbis, pepino, pimentão, quiabo, repolho, rúcula, salsinha e tomate.
Temperos	Os usos são corante, molho, pimenta e tempero (para carne, galinha e peixe). As plantas usadas são alho, cebola, cebolinha, coentro, corante/urucum, couve, hortelã pimenta, limão, pimenta, pimenta de cheiro, pimentão, salsa e salsinha.
Outros	Foi relatado que antigamente fazia vinagre da jabuticaba.

Em 1939 teve uma fome muito braba. O rio secou e tal e o povo escapou com esse tipo de coisa [plantas alimentares emergenciais]. A carne sobrava, fazia o molho com o palito de coco. Mucunã tem uma batatona. Era meu pai que contava pra gente dessa fome. Não como mais, né? Hoje ficou melhor, né? Hoje tá muito bom, né? Naquele tempo, o povo não podia comer, não calçava, nem vestia, andava com o pé no chão. Hoje não. Hoje o povo anda mais ou menos. O conforto hoje é maior, tem mais remédio. (Francisco José de Araújo)

Aqui mesmo o povo passou muita dificuldade. Na seca de 39 [1939], eu estava com oito anos. Em 1890, noventão, meu avô que falava que os rio secou tudo. Só esse daqui que não. Esse Rio Pardo da cidade, o povo plantou dentro do rio, onde tinha um molhadinho: maniba, batata... Em 39, um ano de seca, eu alembro que cê passava na cidade e não tinha nada, nada...nada. O povo ficava olhando um pro outro assim... Matava o gado e cozinhava a carne e botava no angu. Esse Sobrado aqui, sobrou mesmo. Noventão que teve [3 anos de seca], morreu muita gente. Gente andava, andava, andava, aguentava não e morria na estrada. Usava o jatobá direto... A mandioca foi acabando. Antes o povo trabalhava mais pouco. Fazia coisa pouquinha, né? Eu falo assim com os meninos que não pode só fiar nos estudos e no emprego, tem que ter uma rocinha, que na precisão, já serve. Eu acho que não. Não. O povo não tem mais necessidade e elas acabou, né? E é muito raro de ver, né? (Geraldo Severino Dias)

Alguns moradores mencionaram que hoje em dia há muito desinteresse e preconceito dos jovens em relação ao consumo desses alimentos emergenciais:

O tempo não dá. É muito corrido, a gente deixa passá. Se comer uma coisa dessas sempre é vaído. Os novato avacalha dos velhos (Dona Martelina Bispo de Oliveira e José Francisco de Oliveira).

“Eles [os meninos] acham que é ruim, para eles é erva braba, acha até graça, que não existe... (Dona Maria Rosa Batista Costa).”

Entretanto, hoje, alguns estudos têm sido feitos para entender os efeitos de cada planta e, curiosamente, eles têm demonstrado que muitas dessas plantas são ricas em nutrientes. Os geraizeiros mais antigos chamam atenção que algumas plantas produzem efeitos indesejados no organismo e por isso, na hora de preparar, é preciso ter cuidado, pois tem um jeito próprio para preparar.

Além dessas plantas, existem as plantas chamadas de “remédio do mato” que são obtidas, na maioria pelo extrativismo e coleta feita nos mais diversos ambientes do território de Sobrado. Seu Geraldo Severino Dias tem esse costume do extrativismo dessas plantas para remédio. Em sua casa, conversamos sobre esses remédios do mato, que são plantas usadas para saúde das pessoas e dos animais. Como ele disse: “A gente não planta,

é do campo”. Possuidor de rica sabedoria, Seu Geraldo foi aprendendo sobre esses remédios com os geraizeiros da região. Tradição antiga que vem se acabando juntamente com o desaparecimento dessas plantas, como ele explicou:

“Antigamente, o povo antigo, no passado, quase não usava farmácia. Deus ajudava, dava tudo certo. Esse mais novo, não usa. Os remédios vêm do mato mesmo, mas tem outros nome.

Tinha uns raizeiro. Eles explicava tudo. Tinha livrão. João Bião tinha uns quarto cheio de raiz de pau. Sabia de tudo. Lá na casa dele, ele explicava.

Ele vendia tudo. Era dos Curral de Dentro, ao lado de Taiobeira. Às vezes a pessoa usa o mesmo remédio, mas o nome é outro. João Bião falava: “Essas árvores tudo que você tá vendo aí é remédio”. Povo de São Paulo, Paraná, leva tudo daqui. Eles vende. O povo desmatou tudo, tava um raizão, o velame. Punha na pinga e vendia dose de pinga por cinco reais, dava sustância na pessoa [...]. Barbatimão, nos gerais o povo desmatou muito. Tira para curtir couro, estraga muito.

Seu Geraldo contou que a primeira experiência que teve com remédio do mato foi quando se acidentou. Na época a erva de Santa Maria, também conhecida como mastruz, e o rubim (chá de tropeiro) ajudaram, e muito, em sua recupera-

“
Mistura giniroba e unha danta, não dá carrapato e tosse [...]. Põe na garrafa e dá na boca. Derruba a criação, puxa a língua e dá. Cabelo velho cai. Dá uma força!
”

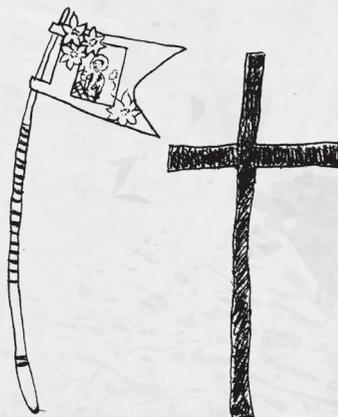
ção. Outro preparo conhecido e procurado pelo pessoal da região, e também de fora, são as garrafadas para a criação de gado.

Seu trabalho é reconhecido por todos da comunidade e é com muito zelo e carinho que ele segue ajudando as pessoas. Em suas palavras:

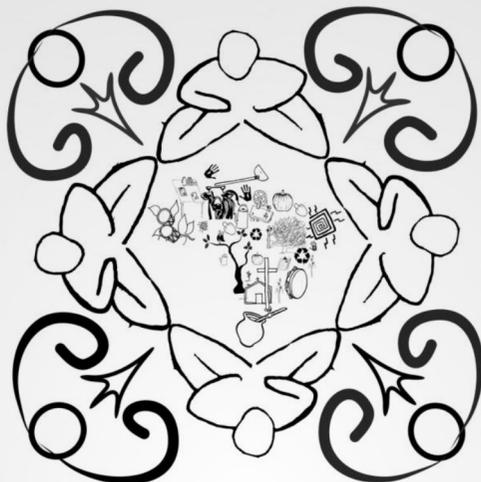
“
É importante, né. Às vezes algum toma algum remédio e acha bom. Acerve muito. Podendo fazer o bem é importante.
”

Agradecimentos finais

Agradecemos a todas as pessoas que receberam a Equipe da Pesquisa em suas casas, que pararam seus afazeres e compartilharam seus conhecimentos e suas histórias de vida. Com este humilde material esperamos contribuir na revitalização dos ricos saberes e fazeres que a comunidade do Sobrado possui.



PROJETO POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS – 2015



PROJETO ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS
GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE
GERAZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS É FORMADA PELOS SEGUINTE VOLUMES:

- Cartilha 1: Ambientes, história, identidade e plantas alimentares
- Cartilha 2: Quilombolas gurutubanos de Malhada Grande:
sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 3: Vazanteiros do Pau Preto: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 4: Geraizeiros do Sobrado: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 5: Caatingueiros do Touro: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 6: Caderno de receitas de comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais
- Cartilha 7: Seu Mariano: uma homenagem a um lutador de Gurutuba
- Cartilha 8: Catálogo de Registro da Casa de Sementes de Seu Geraldo Gomes,
Touro - Serranópolis de Minas
- Cartilha 9: Catálogo de Registro Etnobotânica das Plantas Alimentares
de quatro comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais